

LEMBRAR

Lucas Zanella

Ele acordou repentinamente, abriu os olhos e encarou o céu azul da cidade; o brilho do sol o machucou.

Stephen Brecht estava tão perdido quanto um javali tendo de decidir o que iria comer na fila do McDonald's. Levantou-se lentamente, usando a palma das mãos para se apoiar no concreto da rua e equilibrar-se. Ele sentia um cheiro estranho no ar, como se fosse de gasolina, ou algo parecido. E também tinha fumaça envolvida.

Muita fumaça, na verdade. Ficou em pé com dificuldades, pôs a mão no rosto e ele doeu, estava ferido. Olhou para frente e para os lados, querendo ter certeza de que o que via era verdade. Uma sensação de pânico começou a arranhar sua alma por dentro e por fora, ele olhava desesperado para os lados e parecia confuso.

A cidade de Manfield era grande. E naquele dia fatídico, Stephen teve a pior de todas as amnésias.

- O que aconteceu aqui? - ele se perguntou.

Ele olhava para a cidade que sucumbia em chamas e nuvens de fumaça. O local em que estava era apenas um pequeno ponto no raio de distância onde havia uma grande destruição. Uma bomba, ele presumia.

E com razão, era uma bomba. Nenhuma outra coisa poderia fazer aquilo, causar tamanha destruição. Os grandes prédios, completamente destruídos, com cacos de vidro caídos no chão e o interior todo afetado pelo fogo que acabou com tudo.

Ele ficou em pé, sem saber o que fazer ou pensar. Sem nem mesmo perceber, deixou seu telefone cair no chão, sua mão fraquejava na medida em que ele descobria mais destroços em seu campo de visão. Deu alguns poucos passos e sua perna começou a tremer, caiu de joelhos e agarrou alguns dos vidros perto deles.

Esfregou-os como se pesquisasse por pistas,

olhou para o alto e notou que caíram do prédio ao lado. Alguns carros na rua, todos destruídos, não poderia nem mesmo tentar roubar um para ver o que acontecera naquele local.

Passou a mão no capô de um Chevrolet vermelho, estava todo empeirado. Agachou ao lado dele e deu uma boa olhada no vidro. Agarrou a manga da camiseta preta que vestia e a passou no vidro sujo, viu seu reflexo.

Tinha olho azul, cabelo preto e cortado estilo militar. Sua roupa era comum, não lhe dizia muita coisa sobre quem era.

Lembrou-se de que deveria ter em seu bolso alguma carteira, pôs a mão dentro de todos que encontrou, mas não achou nada. Decepção.

- Quem sou eu?

Ouviu uma risada desconhecida, ecoou pela rua, como se para perturbar os mortos que descansavam em paz. E eram muitos, incontáveis. Como a polícia não ficara sabendo daquilo? Aquele

lugar deveria estar cheio de policiais tirando os cadáveres da estrada e procurando por sobreviventes. A não ser... que eles tenham causado isso.

Mas se causaram, não tinha razão. Tinha? Mas certamente era um engano ele estar ali, afinal, nunca fez nada de errado, ou ao menos era isso o que esperava. Não tinha ideia de quem era, a única coisa que sabia era seu nome, como se fosse um trauma de infância que ficou preso em sua cabeça. Não tinha nenhuma carteira para que pudesse procurar por algum endereço e ir até ele, ter certeza de que sua família estava bem, isto é, se é que tinha família.

Se pudesse, trocaria saber seu nome por saber onde estava, saber o que havia acontecido. Mas não podia, e precisava se conformar com isso. Ah, sim, a risada. Ele se lembrou dela, e tentou adivinhar de onde ela vinha. Deveria ser de longe, pois o eco parecia chegar de quilômetros de distância.

A voz chegou novamente, tão forte que parecia lhe rachar o crânio. Olhou assustado para trás e identificou que vinha daquela direção. Correu. Era o fim da estrada, bloqueada por mais prédios e uma calçada de concreto claro. Mas havia, ao lado direito, uma continuação da estrada, ele a seguiu inocentemente, a fim de achar o homem que ria. Fosse ele um amigo ou o causador de tudo o que aconteceu, precisava achar alguma outra pessoa, ter as respostas que tanto queria. Livrar-se das perguntas que a todo minuto batiam em sua cabeça seria uma benção para Stephen.

- Maldito Stephen - comentou com desprezo.

Não aceitava saber o nome e se esquecer de todo o resto. Não fazia nem mesmo sentido, seria a razão disso algo muito maior do que pensava? E se fosse apenas um erro de um jovem escritor que colocou o nome enquanto escrevia e depois que percebeu o erro não o quis tirar porque perdia o ponto da piada inicial? Não. Ele riu dessa hipótese.

“Ah, seu tolo”, falou para si mesmo de maneira gentil. “Será que sou assim sempre?”. E voltou o sentimento ruim de não saber quem era, aquele gosto amargo na boca. Era um gosto de tristeza, lágrima. Um pouco salgado, até.

Permaneceu a caminhar pela estrada, afastando objetos que caíram na rua saltando dos seus prédios na hora da grande explosão. Stephen começou a sentir a dor daquele ferimento no rosto chegar como num soco. A gravidade o traiu fazendo-o bater contra um dos carros queimados na rua, ele pôs a mão de leve sobre o ferimento e soltou um assobio de dor parecido com o que as cobras fazem.

- Merda! - xingou a dor como se isso fosse fazer com que ela parasse.

Percebeu que precisava continuar, não importava o quanto sua cara doía. Ele tinha aquela sensação de curiosidade, vontade de saber. Coisa que todos têm.

Um pé em frente ao outro, e era assim que seguia sua jornada para descobrir o que havia acontecido. Andou por um longo tempo, muitas vezes cambaleando de dor e cansaço. Chegou longe o suficiente, os estragos feitos pela explosão ficavam cada vez menores. E viu um prédio intacto, como se fosse feito para ser imune a bombas.

Os prédios ao redor estavam sujos, respingos de preto, como carvão, que cobriam as paredes e janelas - algumas quebradas, outras não. Mas aquele prédio estava inteiro e limpo. Esquisito? Claro. Mas suspeito? Não muito. Era apenas um prédio de uma empresa muito sortuda, pelo que Stephen pensou.

Chegou em frente a calçada e curvou-se para trás, queria ver o prédio todo, mesmo já o tendo visto do início da rua. Pôs o pé na calçada e logo ouviu a risada novamente, ela estava incrivelmente mais perto. Vinha de lá, ele tinha certeza. Mas não sabia se isso era uma coisa boa. Ao menos sabia que tinha alguém lá, isso era o suficiente para que

acendesse uma pequena chama de esperança lá no fundo. Embora chama talvez não seja a melhor palavra para descrever aquilo que ele sentia. Ou será que é? A melhor palavra, digo.

Pôs a mão no puxador da porta e tentou a abrir. Não conseguiu, então tentou novamente, e várias outras vezes seguidas. Achava que a quantidade de tentativas poderia influenciar a porta a se abrir, como se ela fosse ver que Stephen era um homem persistente e então abriria. Mas não abriu. O homem colou o rosto no vidro e usou suas mãos para formar uma espécie de barreira, conseguiu ver melhor o que havia lá dentro, o que não era muito.

Apenas viu plantas socadas em jarros brancos e grandes, o piso era bonito, quadriculado. Era um branco e outro cinza bem claro, um pouco mais escuro e seria como um tabuleiro de xadrez cafona. Daquela maneira, era bonito e simples. Voltou-se para o “mundo real” e viu que do lado de fora nada era nem mesmo remotamente bonito.

Tentou abrir a porta mais uma vez, arrombá-la, na verdade. Mas foi inútil. Decidiu procurar por outra entrada, deveria ter uma maneira mais fácil de fazer aquilo.

- Olá!? - gritou do lado de fora para as janelas no alto, não obteve resposta alguma, mas não esperava por uma. Ninguém o ouviria lá de baixo, ele precisava entrar no prédio para ver se possuía algum companheiro.

Circulou o prédio, sentiu uma pontada de frio. Olhou para o longe e só viu o resto da cidade que parecia estar deserta. Mas não se importou com aquilo, ainda não. Depois que achasse quem quer que estivesse dentro do prédio, os dois poderiam ir juntos procurar o causador de tudo aquilo.

Seria o mais seguro a se fazer, e também, Stephen não tinha nem mesmo o mínimo de informação para ter esperança de que havia mais gente na cidade. Mas, com a risada, sabia que tinha alguém lá por perto, naquele mesmo prédio.

O mundo parecia estranho, ele notou enquanto continuava a procurar por outra porta nas laterais do prédio. Era como se o planeta todo estivesse em silêncio, de luto. Nem uma voz ou canto de passarinho era ouvido, por isso toda vez que a risada vinha, ela chegava causando, dando um susto. Quebrava todo o silêncio como se ele fosse de vidro e ela tivesse uma marreta.

Subiu alguns degraus e viu uma outra porta, cinza. Novamente tentou abrir simplesmente usando o puxador e nada aconteceu. Ele olhou para os lados, até parece que teria alguém ali para que o visse. Começou a tentar arrombar a porta, e depois de muitas tentativas, conseguiu.

Ele entrou no prédio dando tropicões, a porta abriu de surpresa. Ele tropeçou no próprio pé e caiu no chão de cara, deslizou por alguns centímetros e bufou. O sopro levantou alguns grãos de poeira e logo eles voltaram para o seu lugar, no chão. Levantou-se com a ajuda das mãos, segurava-se

numa mesa de mármore com pacotes sobre ela, encomendas. Não mexeu em nada, não valeria a pena e sabia disso.

Andou desconfiado de que a qualquer momento poderia levar algum golpe na cabeça, talvez de outro sobrevivente com medo, talvez do próprio causador da explosão. Olhava de um lado para o outro antes de entrar num salão, como se estivesse atravessando a rua e procurando por carros.

Seus passos ecoavam por todo o local num ritmo confortante ao ouvido. A respiração também podia ser ouvida, mas não com tanta intensidade. Era como se alguém tivesse aumentado o volume do mundo. Viu uma porta branca que dizia “Mulheres”, suspeitou que por perto teria alguma dizendo “Homens”, e achou em frente a primeira. Sentia a necessidade de ter de entrar na que dizia a respeito ao seu gênero, mas não sabia o porquê. Costume, talvez.

Pôs a mão em forma de concha sob a torneira da pia e a levou para o rosto, limpou-se muito bem. Bebeu da mesma água. Secou o rosto com uma das toalhas dobradas e empilhadas no fim de uma bancada de mármore cinza escuro. Olhou-se no longo espelho que ia de uma ponta para a outra e tentou descobrir algo sobre si, não conseguiu. Mas gostou do que viu, se achou bonito. Isso o deixou um pouco feliz, até o fez rir.

Virou-se de costas para o espelho e escorou-se no mármore. Bufou novamente e olhou para o teto, pensativo, mas não pensava em nada, na verdade. No momento em que deu um impulso para voltar a andar e sair de lá, viu uma mochila preta escorada na parede no canto do banheiro.

- Alguém aqui? - ele perguntou olhando para as cabines individuais.

Não obteve resposta. Em vez de sair pela porta, dirigiu-se à mochila, ao ponto preto no meio de todo o branco do banheiro. Ajoelhou-se numa

perna só e olhou para os lados novamente, pensando que talvez aquilo pudesse ser uma espécie de armadilha. Segurou o zíper com o dedo indicador e o polegar, lentamente a abriu, como que para não fazer barulho.

Chegou ao final e soltou o ar que ficou segurando todo o tempo em que ficou abrindo a pasta. Talvez pensasse que aquilo poderia ser outra bomba, nem mesmo ele se entendia mais. Olhou novamente para os lados, era desconfiado, e então puxou a pasta o suficiente para que pudesse dar uma espiada dentro dela.

Viu que não tinha nada de perigoso e a abriu melhor, começou a revirar pelo que havia dentro dela.

Agarrou uma barra de cereal e a abriu tão rápido quanto um leão abre um veado. Devorou metade numa só mordida, sentiu o gosto do pouco de chocolate na barra e isso lhe deu uma sensação de prazer. Sua boca pareceu se contrair na primeira

mordida, como se tivesse um pouco de ácido dentro dela. A segunda foi mais natural, mais saborosa.

Respirava fortemente enquanto devorava a barra. Quando pôs o último pedaço na boca, jogou o papel no chão e se escorou na parede, ainda sentado no chão; gemia de prazer. Não comia havia muito tempo, pelo que parecia.

Engoliu tudo e sentiu como se a boca começasse a grudar por dentro, tinha sede, muita. Olhou de volta na mochila e estava certo, achou uma garrafa transparente e cheia de água. Abriu a tampa raivosamente e apertou a garrafa na medida em que a água descia pela sua garganta, e algumas gotas escapavam e caíam no rosto, então deslizavam pelo pescoço. Era a melhor sensação do mundo.

A mão caiu no chão e ele começou a ofegar, deixou a garrafa no chão e limpou a boca molhada com a camiseta suja e queimada. Um pé esticado no chão e o outro mais perto do corpo, o joelho no alto, o braço caído sobre o joelho. Ele estava

aproveitando o momento, teve sua necessidade saciada. Deixou a cabeça cair para o ombro direito e voltou a notar a mochila, resolveu ver se havia alguma outra coisa dentro dela.

Voltou para sua posição de antes com dificuldades e pôs a cara dentro da pasta. Achou algo, puxou para fora e o deitou no chão para observar melhor. Sorriu de contentamento ao notar que era uma camiseta e uma calça. Agarrou as roupas e as pousou no mármore com as pias em sequências, numa parte seca dele.

Tirou os tênis usando os próprios pés, e depois puxou a camiseta para cima usando as duas mãos. Jogou-a no chão e notou que em seu corpo havia uma tatuagem simples, nada que fosse o explicar sobre sua origem. Viu-a melhor em seu reflexo no espelho. Era uma pirâmide listrada horizontalmente tatuada no quadrante inferior direito de seu abdômen. Ele tocou-a e sentiu sua textura, não se diferenciava muito da própria pele.

Ignorou-a por enquanto, desviou os olhos do espelho e voltou-os para as roupas. Agarrou a camiseta branca e sem estampa e vestiu-a. Era muito melhor do que a fedida camiseta preta e queimada de antes. Deslizou as mãos pelo tórax como aprovação para o tecido e sorriu sem querer, estava feliz.

Sentiu também a textura da calça sobre o mármore e era bom, um jeans preto. Ele se pôs a desafivelar seu próprio cinto, tirou-o da cintura com um rápido puxão e pousou-o sobre a bancada. Desabotoou a calça que vestia, também preta e com partes rasgadas, então puxou o zíper. Pôs as mãos, uma de cada lado do corpo, com o polegar dentro da calça. Empurrou-a para baixo e puxou-a quando ela chegou em seus pés. Puxou primeiro a do pé esquerdo. Quando liberou o pé, partiu para o direito, fazendo a mesma coisa que fez no anterior.

Mas aquele pé tinha algo de diferente. Um objeto envolto à canela de Stephen, era de metal, ou

aparentava ser. Ele piscava uma luz verde muito singela, era um *led* minúsculo. O homem ajoelhou-se e examinou o objeto com as duas mãos, procurou por algum botão ou informação, talvez empresa que produziu. Qualquer coisa seria o suficiente, mesmo.

- O que é você? - perguntou alisando o objeto, quase acariciando.

Vestiu a calça que estava dentro da mochila e calçou os tênis que antes tirara. Observou-se e sorriu, viu-se numa nova roupa, ligava aquilo a uma espécie de mudança mental. Agora tinha uma certa esperança crescendo dentro dele.

Soltou um suspiro e olhou para a mochila novamente, sabia que não tinha mais nada dentro dela, então nem mesmo considerou levá-la consigo. Lavou as mãos e secou-as com a mesma toalha de antes, a que estava toda embrulhada no topo de uma pilha de outras toalhas perfeitamente dobradas.

Saiu do banheiro e partiu direto para o salão principal, ele o havia espiado quando estava na

frente do prédio. Tocou a folha de uma planta num dos vasos grandes e era boa, tinha uma textura boa, confortante. Olhou ao seu redor e viu o começo de uma escada. Seguiu até ela rapidamente, coçando o nariz com uma esfregada com o punho enquanto caminhava em ritmo acelerado. Pôs primeiro o pé direito, então o esquerdo e repetiu com o direito.

De passo em passo ele subia os andares daquele prédio. Às vezes parava num andar para observar o que havia ao redor, mas não tinha muito interesse neles. Queria chegar ao topo, tinha a sensação de que era lá onde a outra pessoa deveria estar, bem no topo. Ouviu a risada e riu junto dela, sua risada era ingênua, a do outro homem naquele prédio era firme e forte.

Começou a andar pelos degraus quase saltitando. Estava alegre. Chegava rapidamente em seu objetivo. Parou antes para observar um dos andares, aquele lhe chamou a atenção porque era o mais claro de todos, por alguma razão. As luzes

estavam desligadas e a que entrava pela janela era a mesma que a de todos os outros andares.

- Olá? - perguntou para o fundo do corredor.

Ele pensou ter visto alguém, tinha quase certeza. Ficou no centro do corredor e observou seu fim com olhar curioso, via a sombra de um homem. Começou a andar lentamente, não queria assustá-lo.

- Senhor? Pode me ajudar? - sussurrava.

O som de seu tênis voltava a ecoar por todo o andar, e o barulho ficava maior na medida em que Stephen começava a andar mais rápido. O homem permanecia parado. Estava escondido atrás de uma grande planta, havia uma de cada lado do corredor lá em seu fim, assim como havia em seu começo. Talvez o homem estivesse se escondendo de alguém, ou... alguma coisa.

- Senhor? - perguntou mais alto, havia chegado na frente do homem.

Mas não era um homem, como pensava ser,

era apenas um esfregão de ponta-cabeça, estava enfiado numa espécie de carrinho, deveria ser o que o zelador levava com ele quando ia limpar o local, era mais prático. Ficou decepcionado pela primeira vez em algum tempo, mas não deixou que isso o desanimasse.

Seguiu até a escada e queria prosseguir com sua caminhada, ele olhava para os cantos e via apenas portas fechadas e trancadas, todas estavam trancadas. E nenhuma tinha janelas, ele não sabia o que acontecera dentro das salas. Talvez o homem fosse estar dentro de uma dessas lá no último andar, então como Stephen faria para encontrá-lo? Ele não queria pensar nisso.

Chegou no último andar, e não sabia o que fazer. Olhou para os lados e não viu ninguém de primeira, mas não perdeu as esperanças. Andou pelo local e tentava abrir algumas portas, todas trancadas, como nos andares anteriores. Sua respiração mostrava sua preocupação. Dobrou a direita e

procurou por mais alguém, viu apenas a escrivãzinha de, talvez, uma secretária.

Ouviu a risada dentro de uma sala perto da escrivãzinha, tinha certeza de que vinha de lá. Girou o trinco - estava aberta - e empurrou a porta. Entrou sorrindo, mas não viu o homem que procurava. Andou por toda a sala com uma mesa grande no meio e cheia de cadeiras, uma sala de reuniões. Não viu o homem, mas viu, no centro da mesa, um gravador reproduzindo uma mesma gravação em repetição. Puxou o gravador para perto de si e pegou em suas mãos, observou-o bem perto dos olhos. Deixou-o cair de volta na mesa.

Perdeu a esperança.

Notou num dos cantos da sala, perto da grande janela, um quadro branco cheio de papéis grudados. Aproximou-se por curiosidade e tentou decifrar o que via neles.

A maioria tinha seu nome escrito, então algumas descrições dele. Não leu nada que o

ajudasse a entender quem era, mas leu o suficiente.

"Área isolada da cidade" e a frase era seguida de desenhos da cidade - na visão de pássaro -, e ela era circulada por um lago muito grande. Do outro lado desse lago, a ilustração mostrava soldados, ou o que parecia ser algo ligado ao exército, como se estivessem vigiando a cidade toda. Mas para que?

"O prisioneiro nunca poderá deixar a cidade sem que saibamos, e o rastreador em seu tornozelo nos permitirá rastreá-lo sempre que precisarmos".

"Forneceremos para o prisioneiro alimentação através de locais estratégicos. Toda comida que receber estará dotada do nosso mais poderoso tranquilizador, para evitar que os estragos causem locomoção global".

"Com o tranquilizador, garantimos que o prisioneiro logo adormecerá e acordará sem memória do que sabe fazer. Mas não é tudo o que pode ser retirado de sua memória, certas coisas permanecerão, não importa o que fizermos".

“Ameaça para a sociedade”.

“Perigoso”.

Ele se virou e bateu com o punho na mesa, ela gritou e o som ecoou pelo prédio todo, descendo até o primeiro andar e voltando para o último. Stephen estava com as palmas das mãos pressionadas contra a mesa, ele grunhia e sua cara estava vermelha. Logo percebeu que sua camiseta começava a esquentar, e rapidamente.

Ele soltou um grito, suas pregas vocais praticamente estouravam. E foi o que aconteceu com o vidro, simplesmente estourou. A camiseta branca que Stephen achara começou a pegar fogo lentamente. E quando olhou para o lado, ainda gritando furiosamente, ele viu que a sala toda começava a se incendiar, combustão espontânea.

Talvez não tão espontânea quanto ele quisesse. E naquele mesmo momento antes do colapso, a memória voltou, justamente quando o tranquilizador que tomara da última vez começava a

deixar de fazer efeito. Lembrou de todo o ódio por parte dos militares. E olhou para baixo, sua camiseta queimava, mas não seu corpo, ele permanecia intacto. Era imune ao fogo. Era algo bom, talvez.

Naquele momento, sentiu raiva de todos que lhe aprisionaram lá, e sentiu pena deles sentirem tanto medo dele. Sentiu... desprezo pela raça inferior.

E o prédio explodiu, assim como tudo ao seu redor.